

borges
destino e
obra de
camões

TÍTULO
DESTINO E OBRA DE CAMÕES

AUTOR
JORGE LUIS BORGES

Edição da
Embaixada de Portugal em Buenos Aires,
com o apoio da
Direcção Geral dos Assuntos Consulares
e das Comunidades Portuguesas
do Ministério dos Negócios Estrangeiros
de Portugal

Em colaboração com as
EDIÇÕES DO TÂMEGA

Tiragem 500 exemplares

DESENHO GRÁFICO
CARLOS ALBERTO MARTINI

b o r g e s



LISBOA 1924

JORGE LUIS BORGES

**destino e obra
de camões**

SEGUIDO DE

um dia de jorge luis borges

DE MIGUEL DE TORRE BORGES

APRESENTAÇÃO / JOSÉ AUGUSTO SEABRA

PRÓLOGO / JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

TRADUÇÕES / RODOLFO ALONSO E MIGUEL VIQUEIRA

VERSÕES DE POEMAS / JOSÉ AUGUSTO SEABRA

.....

EMBAIXADA DE PORTUGAL

Buenos Aires

10 de Junho de 2001



apresentação

borges e camões

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Entre os “heróis literários” que Jorge Luis Borges elegeu, já quando a cegueira o levava, segundo diz na sua *Autobiografia*, a preferir, como “consequência importante” dela, a poesia clássica, conta-se Luís de Camões, a quem havia dedicado, em *El Hacedor*, um soneto que se sucedia àquele em que evocava os seus “maiores portugueses”. De facto, como confessou um dia, a sua predilecção ia para épica, e é ao Épico que nesse soneto se dirige, evocando a “Eneida lusitana”. A Camões volveria, entretanto, recorrentemente, em conferências que pronunciou e que, graças à atenta e generosa lembrança de Joaquim de Montezuma de Carvalho, foram exumadas do limbo em que jaziam, devido ao descaso a que foram votadas.

Uma dessas conferências, pronunciada na Embaixada do Brasil em Buenos Aires, em 19 de Junho de 1972, graças à iniciativa e diligência da filha do poeta Carlos Drummond de Andrade, Maria Julieta, então a viver na Argentina, intitulou-se *Destino e Obra de Camões*, tendo sido gravada, transcrita e depois publicada, no mesmo ano, naquela capital. Ela foi reeditada, em boa hora, pela mão do poeta António José Queirós, aberto à solicitude e persistência de Joaquim de Montezuma de Carvalho, nas Edições do Tâmega, em 1993, acompanhada de um prólogo daquele ensaísta, e enriquecida com a reconstituição de “Um dia de Jorge Luis Borges” pelo seu sobrinho Miguel de Torre Borges, numa versão bilingue que contou com a tradução de Miguel

Viqueira⁽¹⁾. É essa conferência que agora a Embaixada de Portugal em Buenos Aires reedita, por ocasião do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

Este opúsculo contém na verdade um precioso maná de informações, que do prólogo aos pós-textos nos restituem um Borges entregue às suas deambulações imaginárias, entre as quais a fascinação nostálgica pelas suas raízes portuguesas de infinito navegante “pelos diversos mares do mundo”, como numa elegia figurou o seu “destino”, identificado com o do “mar” – escrito no masculino, como o de Portugal – num outro soneto em que Camões, émulo de Ulisses, comparece⁽²⁾.

A leitura intertextual desse “puzzle” de peças poético-críticas oferece-nos matéria para uma apreensão da visão nítida que, na sua cegueira, Borges delinhou de um Camões ideal, qual o seu, onde se cruzam as suas obsessões criadoras com uma erudição de que sempre nutria as suas construções literárias, em intersecções múltiplas que, sendo as de um percurso labiríntico, eram iluminadas pela reverberação de um fio de Ariadna que nas trevas o conduzia.

Na sua conferência de 1972, Jorge Luis Borges começa por disreter acerca da importância das questões de linguagem na “arte da literatura”, discutindo a problemática da convencionalidade ou motivação desta, no sentido cratiliano, para logo abordar, em termos architextuais, o “modelo” da epopeia. No caso de Camões, ele considera que, tratando-se em *Os Lusíadas* de uma epopeia na qual intervém o autor, isso não significa que é o autor que rege a obra, mas sim que “é a obra que rege o autor”, ao contrário do que pretende a “literatura comprometida”, de que diz descrever. Assim, o que há de misterioso em Camões é que o destino da obra e o destino do

autor são indissociáveis: “dir-se-ia que ninguém conhece o seu destino, o destino é que o vai fazendo”. Por outras palavras, “existe algo que está a trabalhar num livro para além da vontade deste poeta”, o que aliás, desde Homero, já os antigos sabiam.

Esse “algo que vai mais além do que o autor”, e que se poderá designar por “espírito” (o “Espírito Santo”, como o dos livros proféticos?) sobreleva em importância a biografia, mesmo se esta tem o seu interesse. E, quanto a Camões, ele releva o facto de o pai ser de estirpe galega e a mãe de estirpe lusa, o que o impele a entregar-se a “essa paixão portuguesa que não tem nome em espanhol: a *saudade*”. Isso prova que “a linguagem é uma forma de sentir do Universo e que essa forma varia conforme as nações, conforme os indivíduos e conforme as épocas”. Daí que, segundo Borges, as traduções espanholas de *Os Lusíadas* sejam “mediócras”, levando-o a preferir ler a epopeia em português.

Para Borges – e isso é segundo ele essencial – “os portugueses, como os galegos, tiveram uma coisa que não se deu em Castela, tiveram o sentimento do mar”. Daí que considere sobretudo Camões um “navegante” e um “desterrado”. Enquanto tal, ele foi sobretudo, epicamente, um “soldado”, um “capitão”. Justificando o nome com que o invoca no seu soneto, Borges argumenta: “capitão parece-me o título mais poético para um soldado”, tal como o usara Tasso. Devendo entender-se que esse título significa que é um “homem exemplar”. Ora, segundo Borges, “o poeta deve cantar os melhores”, a começar por si mesmo, dando o exemplo, como propunha Milton: “o poeta devia ser ele próprio um poema”, de tal modo que “ninguém se poderia atrever a cantar varões justos e cidades ilustres sem que a sua vida fosse também exemplo”.

Comparando entretanto a epopeia com o romance, Borges, a pensar em Eça de Queirós, que aliás muito admirava, considera que esta é uma degenerescência da epopeia...

Quanto à mitologia de *Os Lusíadas*, em que a cristã e a pagã se entrelaçam, Borges pensa que, mais do que uma figuração retórica, “os deuses eram reais” para o poeta, tal como os seus “sonhos” e as suas “imaginações”. Dizendo nunca ter entendido a “diferença entre o real e o irreal”, ele fundamenta assim a coexistência em Camões do platonismo e do aristotelismo.

Borges termina, não com uma tese, mas com uma “hipótese”, que aliás no seu soneto enuncia: a de que quando Camões regressou à “pátria nostálgica”, “pobre e triste”, ele deveria ter sentido que tudo o que estava perdido ou ia perder-se, “tudo isso não se perdera realmente, perdera-se no tempo mas persistia na eternidade”. A “eternidade” de que ele, Borges, um dia escreveu a história...

Numa outra das suas conferências, em São Paulo, já no ano de 1984, de que Joaquim de Montezuma de Carvalho nos dá conta no seu prólogo, Borges volta à sua hipótese, dando-lhe agora uma outra formulação: “No caso de Camões a épica é a elegia, pois ele cantava o que estava já perdido, ou o que se estava perdendo”. E, por isso, num soneto em que evoca o “mar de Ulisses” e os seus avatares, ele fala de Camões como

*“...aqueel caballero que escribía
A la vez la epopeya y la elegía
De su pátria”⁽⁴⁾*

É no epílogo do seu soneto “A Luis de Camoens” que Borges visualiza, profeticamente, o que na epopeia, para lá da

elegia, se salva para a “história do futuro”, de que falava Vieira. Numa linguagem de tom sebastianista, ele escreve, dirigindo-se ao Épico:

*“Quiero saber se aquende la ribera
Última, comprendiste humildemente
Que todo lo perdido, el Occidente
Y el Oriente, el acero y la bandera,
Perduraría (ajena a toda humana
Mutación) en tu Eneida lusitana”.*⁽⁵⁾

Dir-se-ia que Jorge Luis Borges projectava em Camões e em *Os Lusíadas* a epopeia dos Borges, “vaga gente”, que para lá de todas as decadências, “são Portugal”, como

*“...el rey que en el místico desierto
Se perdió y el que jura que no ha muerto”.*⁽⁶⁾

Por isso a leitura de Camões pelo seu émulo argentino, quatrocentos anos depois da publicação do grande poema nacional e universal, é apaixonante para nós, portugueses das comunidades errantes pelas sete partidas do mundo.

Buenos Aires, Junho de 2001

NOTAS:

(1) Jorge Luis Borges, *Destino e Obra de Cantões*, Edições de Tâmega, Amarante, 1993

(2) Idem, p. 90

(3) Idem, p. 17

(4) Idem, p. 89

(5) Idem, p. 87

prólogo

JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

No livro *Camões na Argentina* (Lisboa, 1972), amparado pela Embaixada da República Argentina em Portugal e por seu Embaixador Francisco Ricardo Bello, numa expressiva adesão ao IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*, quis integrar o texto “Destino y obra de Camoens” de Jorge Luis Borges, mas os azares da fortuna não o permitiram. O livro abre com o elegíaco soneto “A Luis de Camoens”, do verbo de Jorge Luis Borges, mas não contém esse texto oral que foi conferência concorrida no Centro de Estudos Brasileiros, sector cultural da Embaixada do Brasil, em Buenos Aires, onde trabalhava a diligente e saudosa Maria Julieta Drummond de Andrade, filha do poeta Carlos Drummond de Andrade.

O meu prólogo a *Camões na Argentina* está datado de Lourenço Marques, 24 de Abril de 1972. A conferência de Jorge Luis Borges foi proferida em 19 de Junho e, depois de gravada e transcrita pela Maria Julieta, publicada nas oficinas gráficas Electra (Catamarca 2252, Buenos Aires), em 21 de Setembro de 1972.

António F. Azeredo da Silveira era o Embaixador do Brasil, o dr. P. M. Maia o director do Centro de Estudos Brasileiros e a Maria Julieta aquela chama sem a qual a cera das velas nem dá luz nem tem utilidade. Filha de poeta, ela própria poeta e ligada pelo casamento à Argentina, era o empurrão vital nestas coisas do espírito e sem o qual o Espírito não se revela

nem vivifica, na plural dádiva de se dar a quem se abeira de sua fonte.

Tinha amizade a Maria Julieta. Em Agosto de 1983 deixou Buenos Aires e retornou ao Rio de Janeiro para estar junto do pai. Faleceria em 1987. O golpe foi tão profundo que o poeta seu pai não lhe sobreviveu senão para se extinguir pouco tempo depois.

Os galegos recordam aquele dia em que a Maria Julieta visitou o berço dos Andrades, em Puente deume, entre El Ferrol del Caudillo e Betanzos, na área de La Coruña. Ela compôs um poema ao ínclito Andrade, o *Bo*, cujo túmulo medieval se acha na Igreja Matriz de Betanzos a desafiar os séculos.

Era uma mulher dinâmica e teimosa e quis levar Jorge Luis Borges ao Centro. Conseguiu-o e a ela devemos a memória de Camões. A palestra, se não fora gravada e minuciosamente transcrita, com revisão final do próprio conferencista, ter-se-ia perdido nos ares de Buenos Aires. Encheria de satisfação os privilegiados dessa noite, mas não a posteridade.

Mal o texto se publicou, tive um exemplar, voando da Argentina para Moçambique. Foi o texto que não chegou a horas de ser incorporado na obra *Camões na Argentina*, embora o prodigioso poeta e ensaísta me tivesse enviado para Lourenço Marques a gravação da sua leitura do soneto “A Luis de Camoens” e o magnífico estudo “Camoens, un poeta del amor” de seu admirado Leopoldo Lugones, incorporado na edição da Embaixada de Argentina em Lisboa. Borges estava então como Director da Biblioteca Nacional e foi-lhe fácil, nesse labirinto de livros já presidido anteriormente por outros dois escritores cegos, José Mármol e Paul Groussac, encontrar o difícil elogio de Lugones a Camões.

Recordei na edição da Embaixada de Argentina em Lisboa: «Camões foi festejado em 1924 pelos argentinos com uma vivacidade que o tempo não chegou a apagar. Nesse mesmo ano a *Lusitânia* (Revista de Estudos Portugueses, Lisboa, vol. 2º), a famosa revista dirigido pela insuperável D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, da Universidade de Coimbra, a páginas 296-300, dava um eco dos festejos argentinos em torno da excelsa figura de Camões. A nota referia-se a um “longo e magistral estudo do sr. Leopoldo Lugones, erudito e arguto crítico argentino”. A verdade é que este Leopoldo Lugones, íntimo de Rubén Darío e de Eugénio de Castro, é um dos maiores poetas de América Latina e, no conceito de Borges, o maior poeta argentino. O eruditismo e a argúcia crítica eram o menos ao pé do seu genial talento de poeta. O grande Leopoldo, chefe poderoso de toda uma ampla tribo literária, festejava também Camões. O eco da revista *Lusitânia* era logo seguido por um artigo. “El vate nacional português”, redigido em castelhano, e da autoria do saudoso e saudosista escritor Alberto de Oliveira, o amigo mais querido de *Anto*, esse poeta de elegia que anda no coração de todos os portugueses».

Igualmente incorporei à edição lisboeta, custeada pela Embaixada da Argentina, o formoso texto “Camoens”, do pensador Francisco Romero, o filósofo que a geração de Jorge Luis Borges tem como mestre de civismo e de liberdade do espírito. O ensaio de Romero é de 1924, aborda o tema do platonismo no nosso épico-lírico, que Joaquim de Carvalho, igualmente nesse 1924, estreará entre nós com o ensaio “Estudos sobre as leituras filosóficas de Camões”, publicado no referido número da *Lusitânia*. O pensador argentino e o pensador português ainda se não conheciam.

Anos depois seriam dois grandes amigos e correligionários desse augusto partido que não é partido e se chama Liberdade e Justiça.

Lembro isto porque Francisco Romero incitava todo o argentino a ler Camões. Que o argentino se não fechasse no mar interno das pampas! Que todo ele se abrisse ao mar oceano, o mar-mar, estando *Os Lusíadas* escritos com a tinta desse mar! Que fosse espiritualista quanto Camões o foi, guiado por soberbos e soberanos arquétipos! Que...

E recordo, essencialmente, para enaltecer a fidelidade argentina a Camões. O ano 1924 poderia ter findado em 1924. Tal não aconteceu. Um homem da geração seguinte, Jorge Luis Borges, herdeiro de Lugones, também lhe herda o prazer por Camões. As palavras de recomendação de Francisco Romero encontram em Borges o perfeito eco. Este nunca dirá do mar o que muitos argentinos dizem do Atlântico, o charco. O mar é sempre o mar, nunca o charco que separa Europa das Américas. Existe, assim, geração após geração, uma continuidade de louvor e sábia admiração da Argentina, entre seus vultos mais egrégios, pelo Portugal eterno de Camões. Há, desde modo singular, aquele desejado e espontâneo tratado de fidelidades que, por vezes, os outros, os diplomáticos, não atingem, tão cativos estão das efémeras circunstâncias.

A voz de Jorge Luis Borges lendo o seu soneto “A Luis de Camoens” está guardada na Biblioteca Municipal da Figueira da Foz. Pertence a uma legião de gravações dos mais representativos estudiosos de Camões em todo o mundo, que nesse 1972 fez voar de muitos países até Lourenço Marques. A voz de Borges festeja Camões entre as vozes especialistas de Manuel Ferrer, Silvio Pellegrini, Germaine Mamalaki, Laurence Antony Dominick, Hugo Montes, Anson C. Pipper, Fernando

Diez de Medina, Luis Piva, Celso Lafer, Hernâni Cidade, Jorge Guillén, Ernesto Guerra Da Cal, Monica Letzring, etc. Em Moçambique, onde Camões padecera penúrias e comera de amigos, recriava-se em sua honra um aplauso internacional para sua figura única. Esta dava agora alimento e fascínio a muitos talentos. Continuava a matar a fome... por outros. A assistência foi diminuta porque a hora era da turva política que tudo embacia. À sessão de Borges apareceram umas dez pessoas... Os outros estavam de barriga cheia, não tinham fome de nada. Camões era um símbolo reaccionário. Era o Portugal opressor!

Espero que neste momento não sejam dez pessoas a adquirir este livrinho. A obra publicada por Edições do Tâmega traz a sombra protectora de Teixeira de Pascoaes, filho idolatrado de Amarante e de um Portugal universal. É Teixeira de Pascoaes um poeta pensador cuja fama se derrama e cresce no mundo tal a de seu irmão argentino Jorge Luis Borges, em tantos e tantos aspectos formando os dois um tronco único de cativantes singularidades. A edição de *Destino e obra de Camões* traz esta origem. Pascoes situa Camões tão alto que lhe confere o padroado de Portugal e da Saudade. A sua mão, apagada no humilde cemitério de Gatão, avança nas sombras e, num gesto de claridades, abençoa esta edição bilingue. É algo que bate na sua cova e nela encontra grato eco. Camões é pedra fundadora de Portugal, de todas as pedras a mais harmoniosa e duradoura.

A família de Jorge Luis Borges está presente nesta edição. O seu sobrinho Miguel de Torre Borges, o sobrinho predilecto, o filho de sua irmã única Norah Borges de Torre, lembra-nos um dia de seu tio, um como tantos outros, mas que ele, o poderoso e subtil artista, transformava sempre em algo diverso e exemplar. Miguel quis honrar-nos com a sua presença nesta

edição de um Portugal revisitado. Também enviou uma foto do tio, para ele o tio Georges, um nome que para os lados de Amarante, Vila Meã e Porto lembra de imediato o delicado António Nobre e aquele verso de comando “*Georges! anda ver meu país de Marinheiros, lo meu país das Naus, de esquadras e de frotas!* “. A foto foi tomada numa Lisboa de 1924, ao Rossio, onde seus pais e irmã se instalaram num hotel de que perderam a memória do nome (não, não era o Hotel Borges, mais acima, no Chiado). O poeta veio para a rua e um fotógrafo ambulante tomou-lhe a fotografia num rápido instantâneo. É o retrato de uma juventude e de um breve segundo lisboeta, hoje precioso. Nessa altura Jorge Luis Borges conheceu e privou como António Ferro. Ouviu-lhe certamente falar do modernismo em Portugal, de Amadeo de Souza-Cardoso, de Fernando Pessoa, de Mário de Sá-Carneiro... E gosto de idear o mero cruzar de Borges e Pessoa num dos passeios empedrados de baixa lisboeta. Faz sentido e vai ao âmago das essencialidades...

Outro Miguel prestável, Miguel Viqueira, professor de espanhol no Instituto de Estudos Espanhóis da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a ajuda de alunos seus, facilitou uma exímia tradução. Cada leitor, incluindo nós, agradece ao prof. Miguel Viqueira a sua adesão fidalga.

Em Setembro de 1970 estive com Jorge Luis Borges em S. Paulo e ambos visitámos uma fazenda de café para os lados de Lindóia e em cujo casarão se entreteve a recitar-me oitavas de *Os Lusíadas*, numa toada de milonga, ao longo de uma abrasada tarde. O prodígio é que não tinha um exemplar nas mãos, estava totalmente cego, as oitavas gravadas no seu cérebro...

Jorge Luis Borges voltaria a S. Paulo, nos dias 13 e 14 de Agosto de 1984. O argentino difundia Camões para uma

multidão de estudantes. E disse-lhes (posuo a transcrição que os posgraduandos em literatura hispano-americana na Universidade de S. Paulo, Vicente Cechelero e Laura J. Hossiassen, fizeram após a gravação) o que aqui importa reproduzir para sublinhar a posição de Borges face a Camões e sua obra e consiste nestas exactas palavras (*ipsis verbis*): “Quanto a Camões, foi talvez o último poeta épico que se propôs a – o que eu chamei num soneto e milhares de pessoas o haverão chamado – uma *Eneida lusitana*. E tantos versos de Camões ficam em minha memória... Aquele, por exemplo: “*Por mares nunca dantes navegados*”. Todo o poema. E o facto de que nesse poema ele combine, de algum modo, a *Iliada* e a *Odisseia*, e as renove, torne-se portuguesas. Li, também, uma versão feita pelo capitão Richard Burton (tradutor de *As Mil e Uma Noites*) de *Os Lusíadas*. Ele traduziu não para inglês contemporâneo do século XIX, mas para um inglês contemporâneo do português de Camões, e escreveu também uma biografia do grande poeta. Eu escrevi um soneto sobre ele, um soneto sobre Portugal também, mas podem ficar tranquilos que eu não me lembro dele. Sou muito sensível à épica, não à lírica. Por exemplo, chorei muitas vezes lendo fragmentos épicos – fragmentos líricos ou elegíacos, não. O que mais me toca é a épica. E Camões foi, talvez, um dos últimos que ensinou afortunadamente a épica. No caso de Camões, contudo, a épica é a elegia, pois ele cantava o já perdido, ou o que se estava perdendo. Em todo caso, convém lembrar que a poesia nasce da épica. Em todas as literaturas, começa-se pela épica, e, depois, chega-se à lírica. E eu sou muito sensível à épica. Quero observar, sobretudo, o seguinte: o tema do mar é uma tema quase ausente nas letras espanholas, posto que não éramos navegantes e, sim, soldados. E o tema do mar é

uma tema constante nas letras escandinavas, nas letras anglo-saxónicas, na França com Hugo e, depois, sempre em Portugal, sobretudo em *Os Lusíadas*, já que, como todos sabem, Portugal foi uma terra de navegantes”.

No princípio de 1993, Paris consagrou a Jorge Luis Borges, como já consagrara a Fernando Pessoa, no Centro Cultural G. Pompidou, uma grande Exposição sobre a sua vida e obra. Este livrinho estava destinado a figurar nessa exposição. Mas também os fados roeram a possibilidade. A obra deveria ter sido publicada em fins de 1991. Surge finalmente em meados de 1993. Traz a benção de Teixeira de Pascoaes. E aquela vívida e actuante de António José Queirós. Não fora este poeta e amigo da cultura e o texto borgiano ainda estaria por contadas mãos do outro lado do Atlântico.

Em 1980 Jorge Luis Borges autorizou a Roy Bartholomew a transcrição de sete palestras suas, todas de 1977, proferidas em Buenos Aires no Teatro Coliseu. Os temas destas conferências são vários: *A Divina Comédia*; os pesadelos; o livro mágico d'*As Mil e Uma Noites*; o budismo; a poesia; a cabala; e a cegueira. Possuo um exemplar da primeira edição (Fondo de Cultura Económica, México, 1980, 172 pgs.). As transcrições tiveram o concurso de Borges, a oralidade ganhava discurso com a adaptação. Quando recebi o exemplar de *Siete Noches* (as sete noites que foram as das sete palestras à noite) pensei lá encontrar *Destino e obra de Camões*, mas este texto persistia quase incógnito. Não estava. Ele toma proporções avultadas e veramente difusoras em Edições do Tâmega.

Fora viva a Maria Julieta Drummond de Andrade e para ela iria um dos primeiros exemplares ainda com a tinta fresca...

Amarante, terra hospitaleira, acolhe este livro.

No final vão aqueles poemas onde o genial criador plasmou para sempre a dívida dos seus e a sua para com Camões, Portugal e os Borges de Torre de Moncorvo (o capitão Borges de Ramalho que embarcou para o Brasil em fins do séc. XVIII ou princípios do XIX...), sem esquecer os Amorins de Entre-os-Rios (Douro) ligados a sua prima direita Esther Haedo de Amorim, viúva do afamado novelista uruguaio Enrique Amorim. Foram este Amorins de Entre-os-Rios que levaram a laranja para Salto (Uruguai) e a uma das festas da laranja assistiu Jorge Luis Borges quando passou férias em “Las Nubes”, a mansão de Esther e Enrique em Salto, hoje, só habitada por Esther com os seus lúcidos 93 anos... Que Jorge Luis Borges é tão argentino quanto uruguaio pelo costado materno, para ele existindo como para sua irmã e sobrinhos uma só família de um e outro lado do La Plata.

Trazia Portugal e Camões no coração. A mãe, Dona Leonor, levava Eça de Queiroz no seu. Esther e Enrique idolatravam Eça. Na casa-museu “Las Nubes”, no escritório de Enrique, figura, a encher toda uma parede, a imensa reprodução do Eça pintado por Columbano, um quadro que se perdeu numa viagem atlântica e jaz no mar...

Era neste norte de Portugal, tão vinculado aos Borges, que o livrinho tinha de aparecer. Ei-lo. Que tenha boa sorte! e também portugueses, argentinos e uruguaio se entenderão melhor. E que a sorte gere outras sortes...

Lisboa, 5 de Junho de 1993

**destino e obra
de camões**

Quatrocentos anos, conforme é sabido, nos separam da primeira publicação do glorioso livro. Quatrocentos anos, e algo mais do que quatrocentos anos. Pelo facto dos nossos hábitos literários terem mudado de um modo quase fundamental, desde a data da publicação de *Os Lusíadas*, costuma esquecer-se que a arte verbal, a arte da literatura, é feita pela mesma linguagem, que é uma série de signos auditivos, ou escritos, convencionais. É verdade que há um diálogo platónico no qual se discute, os gregos só conheciam o seu idioma, se as palavras são naturais para as coisas ou se são símbolos convencionais, e se usa naturalmente o argumento das onomatopeias, o argumento de certas palavras que parecem vir daquilo que pretendem significar; mas isto apenas poderia aplicar-se em certos casos e mesmo nesses falha. Por exemplo, alguém julgou ter notado uma analogia entre a palavra inglesa *wind* (vento) e o ruído do vento; ora isto é falso se pensarmos que em latim a palavra era *ventus* ou conforme a pronúncia construída *uentus* e aqui a semelhança desaparece; e assim teríamos, por exemplo, a palavra *whisper* (sussurro), *hush* (silêncio) que pode assemelhar-se ao que significa na voz espanhola *susurro* com esses dois *esses* sibilantes, mas este argumento, parece-me a mim, não é válido pois não entendemos ou não nos apercebemos dessa parecença se não conhecermos o sentido da palavra, pois se eu disser *susurro* a uma pessoa que ignora o nosso idioma ela não é obrigada a

saber o que significa e se disser *hush*, apesar do mistério que existe na letra “u” e no som “sh”, ninguém é obrigado a adivinhar que se trata de uma pausa, de um silêncio.

Se isto se aplica às palavras que são o material da literatura, muito mais se pode aplicar à própria literatura que é uma série de hábitos, de hábitos emocionais acima de tudo, isto é, de hábitos convencionais e tanto mais convencionais porque não sabemos que são convenções. Alguém os comparou com o peso do ar, o ar tem peso mas não o sentimos continuamente e isto conduzir-nos-á mais adiante ao tema da épica, ao tema da epopeia, e *Os Lusíadas* são uma epopeia, porém uma epopeia na qual intervém o autor, ao contrário dos modelos que se havia proposto seguir, porque no caso de Camões, Camões impõe-se ao seu desígnio. Creio que isto sucede com os verdadeiros poetas, por isso descreio da literatura comprometida, porque essa literatura implica que um autor rege a sua obra, quando realmente é a obra que rege o autor, embora o desígnio possa servir como um estímulo. O caso clássico seria o de Cervantes, que se propôs escrever uma sátira contra os livros de cavalaria, cuja leitura já então caducara e escreveu um livro que fez, entre tantas outras coisas, com que recordemos esses livros de cavalaria. Estive a reler o *Amadis de Gaula*, o *Palmeirim* que é um livro português e descobri que esses livros mereciam ser lidos, como sem dúvida o sentiu Cervantes que talvez tenha escrito o *Quijote* para se libertar dessa paixão pelos livros e prova disso é que depois escreveu *Los trabajos de Persiles y Sigismunda* no qual volta às extravagâncias que hoje chamaríamos românticas, que satirizara no seu livro anterior.

Existe algo, existe algo de misterioso em Camões, não apenas no seu destino mas também no destino da obra, que faz

como que nos reunamos aqui para honrar a sua alta memória. Dir-se-ia que ninguém conhece o seu destino, o destino é que o vai fazendo. Recordo aquela frase de Shakespeare que diz que existe uma divindade que nos burila apesar de que nós procuremos ou apesar de que nós acreditemos que existem asperezas existe algo que nos está a trabalhar, existe algo que está a trabalhar num livro para além da vontade deste poeta. Tudo isto souberam-no os antigos. *Canto, ó Musa, a cólera de Aquiles*, diz Homero, ele não é o cantor, ele é o amanuense da musa e os hebreus vivendo um artifício mais estranho atribuíram todos os seus livros (isto é todos os seus livros dignos de memória, livros, por exemplo, eróticos como *O Cântico dos Cânticos*, livros de discussão política como o *Livro de Job*, livros de história, as indignações de *Os Profetas*, as profecias); atribuíram-nos a um único anónimo: o Espírito Santo, e quando a Bernard Shaw lhe perguntaram «acredita realmente no Espírito Santo, o “Holy Ghost”, espírito da Bíblia?», disse: não apenas da *Bíblica* – mas de todos os livros dignos de serem lidos.

Agora temos uma mitologia menos atraente, não falamos do *rua* (o espírito), não falamos da musa, mas falamos de uma coisa não menos incompreensível e menos bela, falamos da subconsciência ou do subconsciente colectivo. Mas as coisas não mudam, existe algo que vai mais além do escritor, existe algo que vai mais além dos seus meros propósitos. Eu pensara resumir a vida do poeta nos dez Cantos do poema que os senhores conhecem melhor do que eu. Mas talvez seja mais interessante considerar essas coisas, procurar pensar sobre essas coisas. Os factos da vida de Camões não oferecem mistério maior, salvo no sentido em que toda a vida é misteriosa, de que eu próprio mal sei quem sou, como dizia Walt Whitman, Walt

Whitman que disse depois de ler uma biografia: “Sei pouco ou nada de mim mesmo e escrevo este livro para me compreender” e trata-se simplesmente de alguns traços. Ora bem, sabemos que Luís de Camões procedia pelo lado do pai de estirpe galega, pelo lado da mãe de estirpe portuguesa, que foi educado em Coimbra e que sentiu talvez mais do que ninguém essa paixão portuguesa que não tem nome em espanhol: a *saudade*. Existe uma palavra, *morriña*, que creio significar algo equivalente de acordo como os dicionários, mas eu descreio dos dicionários porque os dicionários conduzem-nos a pensar que os idiomas são jogos de símbolos traduzíveis, isto pode acontecer no caso de objectos concretos, mas tratando-se de emoções vê-se que a linguagem é uma forma de sentir do Universo e que essa forma varia conforme as nações, conforme os indivíduos e conforme as épocas. Assim deixemos a palavra *saudade* e não tentemos traduzi-la dado que todos a sentimos e sabemos o que significa, existiriam palavras mais ou menos equivalentes mas não completamente equivalentes noutros idiomas. Poderíamos dizer, por exemplo, *eagerness*, *sehnsucht*, uma palavra inglesa, outra alemã, mas não é exactamente isso, eu diria que nenhuma outra coisa é exactamente outra, que tudo é individual, que cada momento da nossa vida é individual. Os dicionários são simplesmente ajudas para a compreensão mas não correspondem à verdade, a verdade é arte mais misteriosa e prova disso, uma prova suficiente, é a de que existe um sistema organizado de perplexidades sobre o Mundo, que chamamos, não sem algum pedantismo, filosofia.

Um professor de cujo nome não me quero recordar ensinava aos alunos o que é a filosofia e o aluno tinha que responder: “um conhecimento claro e preciso”, e se não

respondia isso, se se enganava e dizia “um conhecimento preciso e claro”, ficava excluído no exame. Mas vivemos numa época estranha, se esse professor em vez de pensar no seu livro, tivesse recordado o que sem dúvida sabia, saberia que há pelo menos duas escolas filosóficas, a platónica, que acredita em entes, digamos, abstractos e a aristotélica, que acredita nos indivíduos. É sabido que os platónicos chegaram a acreditar num triângulo ideal que não é, inconcebivelmente nem equilátero, nem isósceles, nem escaleno; é simplesmente um inconcebível triângulo platónico. E depois disse-se que a cada indivíduo corresponde o seu arquétipo platónico, com o que temos dois universos não menos imbricados, não menos merecedores de perplexidade, o universo platónico e este universo que chamamos, não sei porquê, real. Também nunca entendi a diferença entoe o real e o irreal, não sei porque é que o telegrama que nos envia uma agência é mais real do que aquilo que eu sonhei anteontem à noite, sonhei e esqueci. Tudo isso faz parte de um esquema.

Mas voltemos a Camões e vejamos como o destino, claro está que esta palavra não explica nada, como não explicam nada as restantes palavras, quis que ele escrevesse o poema e como se serviu de um modo implacável dessa necessidade, dessa necessidade que todos sentimos como algo indispensável. Camões foi, como se sabe, um soldado, um navegante, um desterrado durante tantos anos, creio que dezassete, mas as minhas datas são vagas e foi, e isto é o essencial, um grande poeta. Para fazer estas coisas, era necessário que lhe acontecessem outras e assim temos de início os anos de estudo de Camões em Coimbra e depois, aos vinte anos, creio, a chegada a Lisboa, essa cidade que sempre lhe foi tão querida e

depois o desejo de que a pátria tivesse um monumento e a noção de que ele estava predestinado para erguer esse monumento. Julgo que essa vontade foi a que o levou a aprender tudo o que podia aprender-se então. Sabemos que foi educado pelos jesuítas e que nesse ensino intervinha a memória, isto pode parecer absurdo, mas creio que nos países orientais é comum que se aprendam primeiro umas palavras, umas fórmulas, e que depois o tempo vá ensinando a decifrá-las. Sabe-se que nos dez Cantos de *Os Lusíadas* intervém a história, sobretudo a Antiguidade Clássica, a história lendária ou verdadeira de Portugal, mas o lendário, a longo prazo, é o verdadeiro e depois o conhecimento da língua materna, do espanhol, do espanhol que está tão perto, que não sei até que ponto convém que se traduza Camões, já que através de um esforço mínimo podemos entendê-lo. A mim aconteceu-me uma coisa parecida com a língua italiana, eu não tenho, que eu saiba, mas quem pode saber algo sobre os milhares e milhares de antepassados que tem, eu não tenho sangue italiano, no entanto cheguei a ler *A Divina Comédia* em italiano. Também é verdade que as edições são excelentes, que quase todos os versos estão anotados e que as anotações esclarecem o texto. Essas anotações, as primeiras eram teológicas, as segundas históricas e as últimas, as de Momigliano e a de Drafer, são estéticas e suponho, a de Sapegno, também, e suponho que se encontrará outro tipo de edição e que cada vez mais iremos aprofundando a *Comédia*. As traduções espanholas são medíocres e pensei que há algo que não se pode substituir e é ouvir a voz do poeta através das suas palavras e assim eu li correndo riscos, imprudentemente, mas sei que com uma recompensa suficiente *A Divina Comédia* e *Os Lusíadas* sem saber

nem italiano, nem português, porque esses dois idiomas e o espanhol são formas do latim, eu já soube latim, estudei-o durante cinco anos em alguns dos meus poemas disse que o esquecimento do latim – o que poderia aplicar-se ao meu conhecimento do latim – já é uma posse, ter esquecido o latim já é qualquer coisa, é uma disciplina e aproxima-nos de tantos outros idiomas.

Ora bem, Camões estuda a astronomia, a astronomia ptolomaica, que figura no fim de *Os Lusíadas*, estuda a Antiguidade Clássica, conhece-a perfeitamente, com tal perfeição que lá nos desterros de Goa e Macau pode recordar essa mitologia com tanta precisão e depois, como disse, a história da sua pátria e as diversas lendas celtas, *A Batalha da Bretanha* que chegara à sua pátria e assim temos a história dos doze pares, daqueles cavaleiros portugueses que sabem que umas damas foram injuriadas em Inglaterra e que empreendem a viagem mais longa agora do que então dadas as dificuldades das navegações (esta palavra, navegações, é uma palavra que imediatamente nos traz à memória *Os Lusíadas*), e que se batem pela honra das damas que não conheciam e vencem quem as havia injuriado. Isto encontrará depois o seu lugar no poema, mas de um modo mais patético do que a história dos doze pares, dá-se de um modo mais patético porque a história é simplesmente a história desses doze quixotescos cavaleiros que vão defender damas que não viram, como Alonso Quijano, que chegou a ser D. Quixote à força de ler os livros de cavalaria. É mais patética porque a conta um soldado nas vésperas de uma batalha, ou seja, eles vão arriscar a sua vida na manhã seguinte, sem dúvida algum deles morreu, e ele conta-lhes esse exemplo de heroísmo que não é menos real por ser um exemplo lendário, ou seja que Camões

preenche as suas memórias com actos; além disso estuda a matemática, a retórica, conhece os clássicos e creio que era costume do colégio falar latim e grego, e falar em latim não significa, como já disse, usar sinónimos latinos, mas sim pensar em latim, pensar de outra maneira, porque conhecer um idioma não é traduzir palavras de um idioma para além da nossa consciência.

Camões, pois, conhece perfeitamente a Antiguidade, estuda as matemáticas, a retórica, conhece bem os clássicos e tudo isso vai-o saturando, não sei se ele soube desde o princípio qual seria o fim de tudo aquilo, possivelmente foi-o sentindo pouco a pouco, mas sei que antes, quando somente tinha esboçado *Os Lusíadas*, a história dos filhos de Luso, os portugueses - Luso é um irmão mitológico de Baco -, já houve quem lhe chamasse o Virgílio lusitano, e essa palavra e esse título chegou ele a merecê-lo plenamente, mas não bastavam esses conhecimentos, para além dessa erudição enciclopédica era necessário o sofrimento, a paixão e sobretudo aquilo que sentimos com maior intensidade, era necessária também a má sorte, e quem sabe, para se sentir muito um país – isto eu sei-o por experiência pessoal e os Senhores também o saberão sem dúvida –, seja necessário o afastamento. Quando Joyce deixou a Irlanda disse que se propunha trabalhar com três armas, não recordo duas delas mas recordo a essencial: o desterro, ou seja, a nostalgia da Irlanda, a nostalgia de Dublin, faria com que ele se sentisse mais perto da Irlanda, isto é, as coisas vêem-se melhor vistas de longe. Camões estava, penso, mas os Senhores podem corrigir as minhas afirmações, numa situação um pouco equívoca, era um cavaleiro de ilustre família, laços de sangue uniam-no ao seu herói: Vasco da Gama, mas não era um

homem rico e seguia no que se refere ao dinheiro, estou convencido, aquele preceito evangélico que diz que não devemos pensar no dia seguinte e naquele em que se falados lírios que estão melhor ataviados que Salomão em toda a sua glória.

* * *

O livro é publicado e merece o aplauso imediato, uma tença de três anos e que depois foi prolongada pelo rei. Mas, entretanto, morrera a mulher que ele amava; morrera sua mãe, que sempre nos últimos anos estavam juntas, e as conjunções ingratas: a glória e a pobreza.

Tasso envia-lhe uma carta louvando-o. Herrera, o “divino Herrera” que cantaria a derrota de Alcácer-Quibir também lhe escreve Cervantes numa passagem que não pude identificar e que não está no *Quixote*, naquele capítulo onde se descreve o “donoso escrutínio do coração do barbeiro”, mas que provavelmente está no *Tesouro do Parnaso*, fala com devida admiração de *Os Lusíadas* e chama-lhes o “tesouro do luso”. Há outro facto indirecto que eu gostaria de destacar, e que é este: os portugueses, como os galegos, tiveram uma coisa que não se deu em Castela, tiveram o sentimento do mar, esse sentimento que encontramos na Inglaterra desde as primeiras peças, desde o Beowulf do séc. VIII, por exemplo, em, que se descrevem os rituais funerários de um rei da Dinamarca, que vem do mar e volta para o mar, quando está quase a morrer ordena aos seus súbditos que choram que o atem ao mastro da nave, que o rodeiem de espadas e de tesouros que ele tinha trazido quando chegou, orfão, desconhecido, à Dinamarca e que empurrem a nave para o mar, e o poeta diz: “ninguém, nem os conselheiros

nas suas assembleias, nem os heróis sob os céus, sabem quem recebeu essa carga”. Quer dizer o que Rubén Darío diria depois de um modo mais abstracto, de não saber para onde vamos nem de onde vimos, porque todos nós somos esse rei da Dinamarca, *Shultesbelvi*, que chega do desconhecido e volta para o desconhecido. É significativo o facto de que existam onze versões inglesas de *Os Lusíadas*, sem dúvida porque ambas as nações, Portugal e Inglaterra, sentiram o mar. Não creio que os castelhanos o sentissem, os castelhanos estavam mais interessados nas suas pequenas e malfadadas guerras como os Países Baixos. Fizeram a conquista, mas não sei até que ponto a sentiram, e há outro facto significativo, a Armada Invencível zarpa de Lisboa, mas a tripulação não era portuguesa, se os marinheiros tivessem sido gente de Portugal e não gente do Levante, acostumada ao brando Mediterrâneo, talvez a expedição tivesse tido outro fim, não aquele infeliz que teve, e a história do mundo seria diferente, mas a história do mundo está sempre para ser diferente em cada momento. Eu possuo em casa uma tradução do séc. XVII de Van Schof, que foi embaixador em Portugal, e procurei e não encontrei até agora a tradução do Capitão Burton, que conheceu a Índia como a conheceu Camões, que fez uma peregrinação às cidades santas do Islão, Meca e Medina, que escreveu a vida de Camões e que teve a curiosa ideia, não sei se literariamente feliz, de traduzir o poema que tanto admirava, não para o inglês do séc. XIX mas para o inglês do séc. XVI, uma curiosa experiência; e existe além disso uma tradução parcial do poeta sul-africano Roy Campbell, que começa dizendo: *Born in the black aurore of disaster* (“Nascido na negra aurora do desastre”) e depois diz: *I found a comrade where I sought a master* (“Encontrei um camarada onde procurava um

mestre”), e no final fala do destino de Camões, dos feitos da sua vida e termina com este verso que diz: “Ensinou a cantar a essa górgona, seu destino”, um verso terrível e memorável.

Camões volta para Portugal para morrer nele e com ele, segundo disse, prevendo o fim, a lenda que costuma ser verdadeira atribui-lhe um escravo negro, António, que o ajudou e a quem ele não pôde dar uma moeda de cobre numa manhã em que o outro precisava de ir ao mercado, e depois morre num hospital sem uma manta para se cobrir e enterram-no na vala comum e apenas, penso que quinze anos depois ergue-se-lhe um monumento. Assim, glorioso, pobre, ignorado, morto.

E agora depois destas considerações, direi algo sobre o poema e aquilo que nos separa, agora, a nós. Acima de tudo o poema é uma epopeia e o poema começa com um verso virgiliano: *As armas e os barões assinalados* que é, evidentemente, *Arma virumque cano* e isso já nos mostra a diferença entre as duas épocas, porque agora com um miserável critério que se chama filológico, em vez de científico, pensamos na feitiçaria e no plágio, pensamos que Camões traduziu o verso do latim, do latim que como ele passou do pastoril ao épico, mas dizer isso é já não compreender Camões. Camões não queria traduzir Virgílio, Camões não o queria imitar, Camões começa deliberadamente assim o seu poema para que recordemos Virgílio, Virgílio que foi uma felicidade para ele e para que o leitor partilhe dessa felicidade. Quer dizer, ele escreve *As armas e os barões assinalados* precisamente para que o leitor recorde Virgílio, para que o poema que está a ler se enriqueça com a sombra gloriosa deste latino.

E depois vêm aqueles versos do desafio, aqueles justificados versos em que ele disse que a glória de Alexandre e as

glórias de César foram obscurecidas pela glória portuguesa e fala das suas navegações: *Por mares nunca dantes navegados*, e que depois foram mais além da Taprobana, ou seja do Ceilão, ele propõe-se cantar a primeira expedição daquele homem da sua linhagem, Vasco da Gama, *Vasco da Gama, forte capitão*, e propõe-se fazer uma epopeia. Disse-se e repetiu-se que o romance, que é o género do nosso tempo, e também do século passado, provém da epopeia, eu iria mais longe, eu diria com a devida reverência aos romancistas, de quem eu gosto especialmente – penso neste momento em Eça de Queirós; eu diria que o romance é eticamente uma degeneração da epopeia, embora as suas personagens sejam mais complexas, e mesmo que os nossos hábitos literários aceitem o romance e recusem instintivamente a ideia de um longo relato em verso. Perdemos esse costume e é uma pena. As minhas razões são de ordem ética, trata-se de uma hipótese minha e como tal não devem levá-la demasiado a sério. Mas é fácil comprovar que a epopeia em todas as latitudes, em todas as épocas se propõe cantar os homens exemplares, e esses homens foram no princípio os reis e os heróis, porque se acreditava que o destino era justo, se o homem era um rei, se o homem era um capitão, capitão parece-me o título mais poético para um soldado e assim o usa Tasso quando chama capitão ao *dugem* que conquistou Jerusalém. É um homem exemplar. Pode não nos parecer exemplar agora, eu por exemplo não posso simpatizar com Aquiles, que se furta à guerra de Tróia porque lhe negaram a sua parte nos despojos e que depois combate para vingar pessoalmente um amigo e que vende o cadáver de Heitor ao seu pai, mas Aquiles era sem dúvida o melhor homem que Homero podia sonhar e Ulisses ainda merece a nossa gratidão e a nossa simpatia, quer dizer, a epopeia não é um jogo retórico, a

epopeia corresponde à ideia de que o poeta deve cantar os melhores.

Milton disse que “o poeta devia ser ele próprio um poema, que ninguém se poderia atrever a cantar varões justos e cidades ilustres sem que a sua vida fosse também exemplo”. Camões teve que sentir isso.

Actualmente o romance parece comprazer-se, parece recrear-se diria eu, no mais vil dos homens. No drama; geralmente, também neste, se procuram as vilezas, as loucuras, as degenerações, os pecados (porque não usar esta palavra?), e ao contrário, o poeta épico queria cantar a grandeza dos homens e dos povos e isto é, sem dúvida, moralmente superior, e não sei se se terá insistido bastante neste tema.

Disse que a memória de Camões estava cheia de mitologia, os seus dias e as suas noites estavam cheios de Homero e de Virgílio e essa mitologia estava entrelaçada nele, é uma característica própria de um homem do Renascimento e isto explica o que agora nos parecem incongruências e que já foram assinaladas pelo ilustre Voltaire, o facto de que nessa epopeia cristã os deuses intervenham com tanta frequência, o facto de Marte e Vénus estarem do lado dos lusos e, ao contrário, Baco e Neptuno sejam os adversários, não se trata simplesmente de que Camões tenha pensado que na *Eneida* e na *Odisseia* e na *Ilíada* os deuses intervinham nos assuntos do homem mas que sentia esses deuses. Neste caso, além do mais, sabemos que a Igreja não negava a realidade histórica dos deuses, antes porém via-os como homens divinizados em alguma ocasião, mas isso foi depois, como *demonios*, mas não negou a sua realidade, e para Camões, que não vivia menos nos episódios quotidianos da vida do que na sua imaginação, os deuses eram reais, de tal maneira

que Baco pode disfarçar-se em Moçambique ou pode tentar enganar os portugueses e que Vénus e Marte podem ajudá-los e isto não eram incongruências para ele que vivia no mundo, digamos, da mitologia cristã e da mitologia pagã, e é verdade que a sua vida foi uma vida de sonhos e de imaginações, e que sem esses sonhos e essas imaginações ele não teria podido escrever *Os Lusíadas* durante os longos anos adversos e as longas navegações.

Usei a palavra *longa navegação*, o epíteto aparece , n'*Os Lusíadas* e, certamente não se trata de uma pobreza retórica, o que o navegante sente primeiro que tudo é isso, as navegações são *longas* e eram-no mais ainda naquelas épocas de incertezas em que dependiam dos caprichos do vento e dos acasos das tempestades. Temos assim a história das façanhas de Vasco da Gama, que está retratado não só como personagem real, mas também, embora historicamente não andasse muito longe, como personagem mítica, tudo isto era fácil para Camões, tudo isto talvez seja difícil para nós. Ainda há outros elementos de carácter mítico, um que ficou na minha memória desde os já longos anos, e tenho setenta e dois, em que li *Os Lusíadas*, é o sonho do rei D. Manuel que sonha com dois anciãos resplandecentes, com as barbas húmidas de água e esses anciãos dizem-lhe que são os rios sagrados da Índia: o Indo e o Ganges, e pedem-lhe que envie para lá os seus soldados e os seus missionários. Esse é um dos episódios e depois temos talvez o mais estranho de todos, o último, aquele em que aparece Tétis.

Tétis leva Vasco da Gama e alguns dos seus ao cume de uma montanha, de uma montanha adornada de flores, depois de ultrapassadas as asperezas, como o céu está adornado de astros, e aí mostra-lhes o universo, mostra-lhes um globo luminoso e

esse globo vem a ser o arquétipo do universo ptolomaico, as diversas esferas concêntricas e transparentes que correspondem aos diversos céus. Vasco da Gama viu o que ninguém viu do universo, de tal maneira, e além disso fala-se de Deus, fala-se de Deus que não tem fim, como a esfera. E Pascalalaria depois da esfera cujo centro está em toda a parte e a circunferência em nenhuma, e compara-a com a não menos misteriosa divindade, essa divindade que Parménides concebeu como esfera; e essa visão do Universo, do Universo luminoso é a última, é assim como que um galardão dado ao herói, e dado ao herói cristão, por uma divindade pagã, por esta Tétis.

E agora queria acrescentar para concluir uma... – o que poderíamos chamar, uma hipótese minha, salvo que me parece certa –, é que quando Camões regressa à pátria (isto disse-o eu num soneto, pobremente, mas quero repeti-lo), ele deve ter sentido que as coisas perdidas e que tudo o que está para se perder, que tudo isso não se perdera realmente, perdera-se no tempo mas persistia na eternidade e persiste também agora nessa extensão de Portugal que se chama Brasil e que não é menos herdeira de Camões do que o próprio Portugal. Aqui uma pequena anedota pessoal: um espanhol disse uma vez, “nós que somos os netos dos conquistadores”. E eu disse-lhe: não, os senhores, são os sobrinhos, os netos somos nós, os netos somos os descendentes dos que ficaram aqui, não dos que ficaram em Castela. Creio que isto pode aplicar-se, ora bem, estou certo de que Camões sentiu que nada se tinha perdido, que as bandeiras, as guerras, os heroísmos, famosos ou anónimos, o Império e essa grandeza que ele vislumbrou e que agora se está a cumprir noutro continente e à luz desse continente também, e Pedro Álvares Cabral, que tudo isso, de algum modo, estava salvo para

sempre, não na mera geografia e na mera história que são superstições actuais, mas antes em algo mais importante, na eterna *Eneida* lusitana, no poema de *Os Lusíadas*.

**um dia de
jorge luis borges**

MIGUEL DE TORRE BORGES

Esse dia, digamos que uma quarta-feira da Primavera de 1944, “recordou-se” às oito. Dormira razoavelmente bem; por várias vezes haviam soado as badaladas da Torre dos Ingleses sem que ele as ouvisse. *Os encorvados suspensorios de enorme ferro*⁽¹⁾ da insónia estavam a ficar para trás. A criada abriu as persianas – que davam para uma varanda sobre Maipú – e deixou sobre a mesinha de madeira escura, que tinha uma gaveta grande e três laterais mais pequenas, uma bandeja com uma almoçadeira de café com leite, apenas. Com os pés fora da cama de bronze, sentado, tomou devagar o “bebido” pequeno-almoço e percorreu com o olhar o quarto, que realmente não era um quarto de dormir, mas a sala de jantar do *breve apartamento* separado da sala por portas de correr, que sempre estiveram fechadas. Olhou a mobília: além da secretária e da cama havia duas estantes “Thompson”, uma velha cadeira de madeira pintada, cujo assento estava estofado com uma “Dame à la licorne” bordada por minha mãe, duas aquarelas de Xul Solar e uma despiedada litografia norte-americana que mostrava um aterrorizado prisioneiro, de joelhos, as mãos atadas atrás das costas e uma pedra ao pescoço, momentos antes de ser lançado ao rio por uns homens armados, que bem poderia haver ilustrado algum dos contos da *História Universal da Infâmia*. Foi para a casa de banho, misturou a água até a achar suficientemente quente, esperou até a banheira se encher e então submergiu-se longo

tempo. Embrulhado num roupão de turco voltou para o quarto e vestiu-se com a roupa já preparada por sua mãe desde a noite anterior. Possuía apenas dois ou três coçados fatos – escrutínio que ele ignorava e que também o não teria interessado –, com algibeiras nas calças até ao joelho (ao sentar-se nunca as ajeitava subindo-as), e vestia naqueles anos com toques muito pessoais: metia as fraldas da camisa por baixo das cuecas, abotoava os três botões do casaco, parecendo como que enfaixado; e levava a caneta de tinta permanente presa no bolso superior exterior. Levantou a tampa de vidro do primeiro expositor da estante colocada perto da cabeceira da cama, tirou o primeiro volume de *The Works of the late Edgard A. Poe* (New York, 1850), abriu-o entre a capa e a primeira página, extraiu uma nota de 10 pesos e meteu-a, dobrada, numa grande carteira de cabedal preto, que guardou no bolso interior do casaco. Procurou o *La Nación* – já lido pela mãe –, pegou nele com a ponta dos dedos, colocou-o sob a axila esquerda e, empertigado, saiu para a rua e atravessou a Praça San Martín, onde ergueu o braço deixando cair o jornal sobre um banco. Já liberto da carga caminhou pela Florida até à barbearia na esquina de Viamonte; aí, enquanto o barbeiro, *o íntimo cutelo na garganta*, o barbeava e lhe falava de futebol e de política (Hitler, Sarlanga, Perón), ele inventava um poema: *Zunem as balas na tarde última. / Está vento e há cinzas no vento, / dispersam-se o dia e a batalha / disforme, e a vitória é dos outros...* Pela Florida seguiu até Cangallo, virou e entrou em Mitchell's. O solícito vendedor, que nunca lhe conheceu os gostos, ofereceu-lhe obras de química e golf, recém recebidas. A sós, percorreu as estantes e as mesas e comprou *They were seven*, de Eden Phillpotts, com a intenção, se gostasse, de dá-lo a traduzir e publicá-lo em “O Sétimo Círculo”, uma colecção de romances

policiais que estava a singrar. Então sim, após ver as horas num relógio de mostrador castanho – presente de Natal de Adolfo Bioy Casares, que eu conservo –, com o livro firmemente empunhado na mão direita, andando lesto por Florida, voltou para casa. Mal chegou sentou-se à secretária: por longo tempo escreveu laboriosamente nas folhas quadriculadas de um caderno, consultando várias vezes a “Enciclopédia Britânica”, *um dos meus paraísos perdidos*, até ficar satisfeito com a enumeração caótica: *...vi ao mesmo tempo cada letra de cada página (em criança costumava maravilhar-me de que as letras de um volume fechado se não misturassem. e perdessem no transcurso da noite), vi a noite e o dia contemporâneo, vi um poente em Querétaro que parecia reflectir a cor de uma rosa em Bengala, vi o meu quarto sem ninguém, vi num gabinete de Alkmaar um globo terrestre entre dois espelhos que o multiplicavam sem fim, vi cavalos de crina arremoinhada, numa praia do Mar Cáspio ao alvorecer, vi a delicada ossatura de uma mão, vi os sobreviventes de uma batalha, enviando postais ilustrados...* A mãe chamou-o para almoçar. Comeram frugalmente uma sopa de abóbora, bifes “bem passados” com batatas, e de sobremesa queijo e marmelada, beberam água fresca da torneira e uma xícara de peperina⁽²⁾ no fim. Levantou-se da mesa e separou o livro para a longa carreira de quase uma hora que o esperava – já havia lido assim, no percurso de ida e de volta, três ou quatro edições anotadas da *Divina Comédia*, *A decadência e queda do Império Romano*, o *Orlando Furioso*, as obras de Léon Bloy e de Bernard Shaw... –; agora andava com o décimo e último volume da *História da República Argentina*, de López. A minha avó molhou-lhe o lenço e a cabeça com água de Colónia que retirou de um antigo frasco de vidro com tampa de prata lavrada, arranjou-lhe o cabelo com uma escova e com um pente de metal e acompanhou-o até ao

elevador, onde se despediram. Esperou numa esquina, não longe da casa. Entrou no eléctrico 7, sentou-se resignado já a combinar a música das palavras como os solavancos do carro – e abriu o livro, apesar de o oculista o haver avisado do perigo que corriam os seus olhos diminuídos se lesse com pouca luz e num veículo em andamento. De vez em quando, enquanto o “7” se internava no sudoeste, levantava a vista e verificava com invariável satisfação – apesar de que fazia já seis anos a seguir o mesmo caminho – as velhas casas, os passadiços, os conventilhos, *uns leões de alvenaria num portão da rua Jujuy, a uns quantos quarteirões do Onze*, os baldios e até as modernas e curiosas fachadas de Art déco. Ao chegar à página 386 da *História*: “Não contava Molina com as forças que o coronel dom Isidoro Suárez comandava no Norte. Esse brilhante oficial de cavalaria substituíra o coronel Pacheco no comando da fronteira...”, sentiu que a ele, lendo a menção ao seu bisavô, também (como a Laprida) o *endensa o peito inexplicável um júbilo secreto* e, enternecido, suspendeu por instantes a leitura. Mas estava a chegar ao término, desceu do eléctrico, andou uns quarteirões e entrou na Biblioteca Municipal Miguel Cané, onde *desempenhava, embora indigno, o cargo de terceiro auxiliar*.

Sentou-se e acometeu aquilo que já se lhe transformara numa estupidificante tarefa: classificar não mais de cem obras por dia, para não deixar a descoberto a cultivada mandriice dos seus colegas de trabalho. Depois, com a intenção de se isolar do ambiente opressivo e de pesadelo do emprego, e como o bom tempo o permitia – noutro caso ter-se-ia recluso na cave, onde, justamente, escrevera: *A biblioteca é uma esfera cujo centro cabal é qualquer hexágono, cuja circunferência é inacessível* e onde, também, traduzira Virginia Woolf e Faulkner –, subiu ao terraço para

reler *O Castelo*. Ao entardecer desceu, aproximou-se das estantes e acariciou amorosamente as lombadas dos volumes, cuja localização sabia já de memória; tanto assim era que teria podido encontrá-los mesmo de olhos fechados. Saiu à rua e caminhou até a venda da esquina, entre as avenidas Muñiz e Estados Unidos. Acotovelou-se ao balcão de estanho e pediu uma genebra, que emborcou de um golo. Outras vezes bebia um combinado oriental, ou um sumo de laranja natural, ou até mesmo um vermute com azeitonas, embora nunca lhe tivesse importado demasiado o que lhe serviam. Nele, *os anos, o tédio e a solidão fomentaram esse crioulismo um pouco involuntário, mas nunca ostentoso* de entrar num tasco e tomar qualquer coisa. Voltou para a biblioteca e pouco depois veio buscá-lo uma sua amiga, facto que acontecia com frequência e que chamava a atenção dos outros empregados – eram quase meia centena –, especialmente das mulheres, porque as que passavam por aqueles *arrabaldes do Sul* eram por vezes senhoras elegantemente vestidas, muito perfumadas, e que, para mais, apareciam retratadas na *El Hogar*. Além desta contradição entre as damas janotas e o humilde empregado municipal, outro sucesso chamara a atenção dos seus colegas: certo dia um "deles encontrou, na página 411 do tomo II do Apêndice de 1931 da "Espasa", um artigo com uma fotografia – ela mostrava toda uma personalidade, de bigode e lacinho – sobre um tal Jorge Luis Borges, e comentou com ele a coincidência de existirem dois indivíduos com o mesmo nome... O meu tio esclareceu que o senhor do artigo e ele eram a mesma pessoa, mas ninguém o acreditou. Apanharam o eléctrico e voltaram para o centro, foram a um cinema da rua Lavalle e depois, de metro, ao restaurante da estação Retiro, onde jantaram melão com presunto, raviolis e arroz doce, regados

como vinho tinto, enquanto riam e conversavam muito animadamente. Acompanhou a amiga até casa e regressou, antes da meia-noite, à sua. Como sempre, a mãe estava à espera, já deitada e a ler Dickens. Ele sentou-se a seu lado, no cadeirão “seesaw”, e falou: *...Espero que a gripe se tenha esquecido de ti. Mãe: vi , um filme medíocre, mas que me comoveu e que gostaria de rever contigo: “Marie Louise”, filmado nos cantões centrais da Suíça, com céus, nuvens e montanhas enternecedoras. Falando de montanhas, como vai “The Tree of Life” de Machen? A Mandie já está a ilustrá-lo. Amanhã irei a essa coisa do Ortiz Basualdo: discutir-se-á o destino da revista, não demasiado claro, por sinal. O Adolfo e a Silvina voltaram da fazenda; trabalharemos no filme quase todas as noites. Estamos já no difícil, nos diálogos e nas indicações das imagens. Avançamos com lentidão, mas vamos conhecendo melhor as personagens. Estabelecido o argumento, o resto é mecânico. O importante é encontrar contínuas e pequenas surpresas e simetrias. Falando de filmes, vi há umas noites um medíocre, mas eficaz, de sentimentalismo escocês – “os verdes anos” – em que trabalha um rapaz bastante parecido com [aqui mencionou-me] o Miguelete. Concluo este dias a redacção de um longo (para mim) relato fantástico. Cada dia escrevo a minha página e tal... Mãe e filho despediram-se até ao dia seguinte. Entrou no quarto, despiu-se e “encaixou” a longa camisa de dormir branca, igual à que usava quando era pequeno, igual à que continuaria a usar toda a vida. Meteu-se na cama e, estendido, leu um bom bocado, alumiado pela escassa luz indirecta que vinha do tecto. Fechou o livro, levantou-se e certificou-se de que nas estantes os títulos das lombadas estivessem para cima – nos ingleses ao contrário –, para não encontrar, na manhã seguinte, as letras das páginas caídas, como nos livros que dormem de cabeça para baixo. Apagou a luz, deitou-se de costas com os braços colados ao corpo, e murmurou, paladeando cada palavra: “Our Father,*

who art in heaven, Hallowed be thy Name. Thy kingdom come.
Thy will be done in earth as it is in heaven...”.

NOTAS:

(1) O *itálico* são citações textuais de J.L.B., extraídas dos seus livros, artigos e correspondência.

(2) Peperina: Arg. Planta de ...: infusão desta planta, oriunda da província de Córdoba semelhante à Marcela ou Camomila. Bebida digestiva muito popular no país (**Nota do T.**)

poemas da
nostalgia portuguesa

os borges

Nada ou tão pouco sei dos meus maiores
Portugueses, os Borges: gente vaga
Que em minha carne, obscura, só propaga
Seus costumes,, rigores e temores.
Ténues como se nunca houvessem sido
E alheios à retórica da arte,
Indecifráveis, eles fazem parte
Do tempo, do terrunho e do olvido.
Tanto melhor. Cumprida a sua faina,
São Portugal, essa famosa gente
Que rompeu as muralhas do Oriente
E ao mar se fez e ao outro mar de areia.
São o rei que no místico deserto
Se perdeu e o que jura não estar morto.

a luís de camões

Sem lástima nem ira o tempo empena
As épicas espadas. Pobre e triste
À nostálgica pátria refluiste,
Ó capitão, para morrer com ela
E nela. Já no mágico deserto
A flor de Portugal era perdida
E o duro espanhol, antes vencido,
Ameaçava o flanco descoberto.
Quero saber se aquém dessa ribeira
Última, entendeste humildemente
Que tudo o que perdeste, o Ocidente
E o Oriente, o aço e a bandeira,
Perduraria (alheio a toda a humana
Mudança) na tua Eneida lusitana.

elegía

Ó destino, o de Borges,
ter navegado pelos vários mares do mundo
ou pelo único e solitário mar de nomes vários,
ter sido um pouco de Edimburgo, de Zurique, das duas
[Córdovas,
de Colômbia e do Texas,
ter regressado, ao fim de gerações mutantes,
às velhas terras da sua estirpe,
à Andaluzia, a Portugal e àqueles condados
onde o saxão fez guerra ao dinamarquês e misturaram seus
[sanguês,
ter errado pelo vermelho e tranquilo labirinto de Londres,
ter envelhecido em tantos espelhos,
ter buscado em vão o olhar de mármore das estátuas,
ter examinado litografias, enciclopédias, atlas,
ter visto visto as coisas que os homens vêem, a morte,
o torpe amanhecer, a planície
e as delicadas estrelas,
e não ter visto nada ou quase nada
a não ser o rosto de uma moça de Buenos Aires,
um rosto que não quer ser recordado.
Ó destino de Borges, talvez não mais estranho do que o teu.

Bogotá, 1963

o mar

O mar. O jovem mar. O mar de Ulisses
E o daquele outro Ulisses a que as gentes
Do Islão deram nome e fama ingente
De Es-Sindibad do Mar. O mar de cinza
Ondeando, o mar de Erico, o que se emproa,
O Vermelho, e o do varão que escrevia
De igual passo a epopeia e a elegia
Da pátria, pelos pântanos de Goa.
O mar de Trafalgar. O que Inglaterra
Cantou ao longo da sua longa história,
O árduo mar que ensangentou de glória
No diário exercício só da guerra.
O incessante mar que na serena
Manhã sulca o infinito do deserto.

Versões de José Augusto Seabra

NOTA:

Os sonetos “*Os Borges*” e “*A Luís de Camões*” figuram em *El Hacedor* (1960) e os poemas “*Elegia*” e “*O Mar*” nos livros *El Otro*, *El Mismo* e *El Oro de los Tigres* (1964 e 1972, respectivamente).

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
Borges e Camões	
José Augusto Seabra	
PRÓLOGO	12
Joaquim de Montezuma de Carvalho	
DESTINO E OBRA DE CAMÕES	21
Jorge Luis Borges	
UM DIA DE JORGE LUIS BORGES	38
Miguel de Torre Borges	
POEMAS DA NOSTALGIA PORTUGUESA	46
Jorge Luis Borges	